

MENTIRAS QUE OS PÓS-GRADUANDOS CONTAM: um thriller acadêmico com toques de ficção

Luis Paulo Carvalho Monteiro¹

RESUMO

Este artigo adota a terapia gramatical-desconstrucionista em uma escrita dialógica, estruturada em “atos narrativos de jogos de cena ficcionais”, inspirada nos modos de filosofar de Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida. A partir de um arquivo cultural, com tom humorístico, são exploradas as dinâmicas de convivência entre pós-graduandos, evidenciando os impactos dessas experiências em suas vidas. A narrativa se desenvolve em quatro atos: (1) Produção intelectual na pós-graduação; (2) Do sofrimento ao prazer na pós-graduação; (3) Relação de bem-estar com outros seres naturais e (4) reflexões finais sobre resistência e decolonialidade. As encenações revelam desafios enfrentados pelos estudantes, como a precarização do financiamento da pós-graduação, que gera insatisfação, estresse, desânimo, medo e, em alguns casos, depressão. Diante desse cenário, o artigo discute estratégias de resistência e adaptação, refletindo sobre a busca por bem-estar e uma vida acadêmica mais saudável, plural e menos colonizada.

Palavras-chave: Pós-graduação. Terapia gramatical-desconstrucionista. Decolonialidade.

LIES GRADUATE STUDENTS TELL: an academic thriller with a touch of fiction

ABSTRACT

This article adopts the grammatical-deconstructionist therapy in a dialogical writing, structured in "narrative acts of fictional scene games," inspired by the philosophical approaches of Ludwig Wittgenstein and Jacques Derrida. Drawing from a cultural archive, with a humorous tone, it explores the dynamics of coexistence among postgraduate students, highlighting the impacts of these experiences on their lives. The narrative unfolds in four acts: (1) Intellectual production in postgraduate studies; (2) From suffering to pleasure in postgraduate studies; (3) Well-being relationship with other natural beings; and (4) Final reflections on resistance and decoloniality. The enactments reveal challenges faced by students, such as the precarization of

¹ Mestre e doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará (UFPA); Instituto de Educação, Matemática e Científica- Brasil; Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas-PPGECM; Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia-RPPDA. Orcid iD do autor 1: <https://orcid.org/0000-0002-9724-0734>. E-mail: luis.monteiro@iemci.ufpa.br

postgraduate funding, which generates dissatisfaction, stress, discouragement, fear, and, in some cases, depression. In light of this scenario, the article discusses strategies for resistance and adaptation, reflecting on the pursuit of well-being and a healthier, more plural, and less colonized academic life.

Keywords: Postgraduate studies. Grammatical-deconstructionist therapy. Decoloniality.

MENTIRAS QUE LOS POSGRADUANDOS CUENTAN: un thriller académico con toques de ficción

RESUMEN

Este artículo adopta la terapia gramatical-deconstrucciónista en una escritura dialógica, estructurada en "actos narrativos de juegos de escena ficticios", inspirada en los modos de filosofar de Ludwig Wittgenstein y Jacques Derrida. A partir de un archivo cultural, con tono humorístico, se exploran las dinámicas de convivencia entre posgraduados, evidenciando los impactos de estas experiencias en sus vidas. La narrativa se desarrolla en cuatro actos: (1) Producción intelectual en el posgrado; (2) Del sufrimiento al placer en el posgrado; (3) Relación de bienestar con otros seres naturales y (4) Reflexiones finales sobre resistencia y decolonialidad. Las escenas revelan los desafíos enfrentados por los estudiantes, como la precarización del financiamiento del posgrado, lo que genera insatisfacción, estrés, desaliento, miedo y, en algunos casos, depresión. Ante este escenario, el artículo discute estrategias de resistencia y adaptación, reflexionando sobre la búsqueda de bienestar y una vida académica más saludable, plural y menos colonizada.

Palabras clave: Posgrado. Terapia gramatical-deconstrucciónista. Decolonialidad.

2

ENTRE A PESQUISA E O COTIDIANO: A VIDA DO PÓS-GRADUANDO COMO ATO NARRATIVO

Os movimentos que me levaram à escrita deste texto têm inspiração em minhas vivências no mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. Desde que ingressei na pós-graduação, busquei vivenciar o processo formativo em sua integralidade. Para além das disciplinas obrigatórias, dos grupos de pesquisa e dos projetos aos quais estava vinculado, também frequentava espaços que me proporcionavam discussões sobre pesquisa. Afinal, nos ambientes de convivência — como corredores, laboratórios, lanchonetes, entre outros — também se aprende o ofício de pesquisador, por meio da interação com mestrandos, doutorandos e professores.

Nesses deslocamentos, aprendemos mais do que apenas maneiras de fazer pesquisa: aprendemos sobre as relações humanas, sobre os desafios do cotidiano de um pós-graduando e sobre as afetações em sua vida. Em muitos casos, essas experiências são semelhantes às nossas, e compartilhar tais narrativas nos leva a refletir sobre a vida. Ou melhor, nos inspira a narrar à encenação ficcional da vida dos pós-graduandos, no teatro cujo cenário são os ambientes dos programas de pós-graduação.

Não se pode ter um roteiro mais autêntico do que aquele produzido pelos próprios personagens da vida real — mestrandos e doutorandos —, que vivenciam problemas concretos. Suas experiências diárias, muitas vezes expressas em discursos de insatisfação, estresse, desânimo, medo e até depressão, ou, em outros momentos, no oposto, com manifestações de alegria, satisfação e entusiasmo, evidenciam a dualidade de sensações que o ambiente acadêmico pode provocar. Essas experiências inspiradoras são o foco dos jogos de cena ficcionais apresentados neste texto por meio de atos narrativos.

3

Nessa montanha-russa emocional em que os pós-graduandos se encontram, por um lado, vivenciam estados de bem-estar quando se sentem amparados por redes de apoio formadas por amigos, professores e familiares. Por outro lado, a ausência desses elementos indispensáveis pode gerar mal-estar e até adoecimento. Tais situações evidenciam a relevância de discutir esse tema, uma vez que ajudam a compreender como a vida na pós-graduação é figurada. Assim, neste trabalho, buscamos desenvolver uma terapia gramatical-desconstrucionista de escrita dialógica, utilizando “atos narrativos em jogos de cena ficcionais” para tematizar práticas de convivência entre pós-graduandos e evidenciar as afetações dessas experiências em suas vidas.

Assumimos uma atitude transgressiva na escrita deste texto científico-acadêmico, inspirados em Miguel (2015, 2016, 2022), que, por sua vez, fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica dos modos de filosofar do austríaco Ludwig Wittgenstein (1975, 2009) e do franco-argelino Jacques Derrida (1991, 1994–2004, 2003). Além disso, recorremos a outros estudiosos,

entre eles teóricos da decolonialidade, como Dussel (1993) e Quijano (2007, 2010), para apoiar nossas interlocuções sobre a mercantilização da produção acadêmica (Oliveira, Stecanela e Boufleuer, 2023), saúde mental na pós-graduação (Glatz et al., 2022) e autocuidado e bem-estar acadêmico (Peixoto et al., 2021), entre outros, que podem ser consultados ao longo do texto.

Terapia gramatical-desconstrucionista: atos narrativos em jogos de cena ficcionais

Neste movimento, comunicamos esta investigação por meio de uma terapia gramatical-desconstrucionista, inspirada nos estudos de Miguel (2015; 2016; 2022) e Monteiro (2024). O termo “terapia gramatical” tem origem nos trabalhos de Ludwig Wittgenstein e é adjetivado pela terminologia “desconstrucionista” de Jacques Derrida, na medida em que compreendemos essa junção terminológica como um convite ao deslocamento dos nossos olhares para maneiras outras de fazer pesquisa.

Essa forma de comunicar o trabalho científico assume proporções diversas, podendo abranger, por exemplo, “o estilo de conversa, o diálogo polifônico ou autorreflexivo, a contação de histórias, entre outros estilos de comunicação” (Monteiro, 2024). No caso deste texto, optamos por realizar uma “escrita dialógica”, considerando os “atos narrativos” que envolvem “jogos de cena ficcionais” a partir da prática de convivência entre pós-graduandos.

Os jogos de cena não apenas têm contribuído para performar textos científico-acadêmicos, mas também têm proporcionado uma visão diferenciada da concepção clássica de linguagem, ao evidenciar uma escrita fictícia (não verídica) que, quando refletida pelo leitor, pode ser considerada eficaz (verdadeira), na medida em que os atos narrativos expressam a realidade do cotidiano de grande parte dos estudantes da pós-graduação. Ou seja, os jogos de cena aqui encenados entrecruzam-se na dualidade entre o real e o fictício.

Os “jogos de cena” são compreendidos aqui a partir da concepção de linguagem enquanto performance, sustentada nos estudos de McDonald (1994), que entende “a narrativa de forma mais abrangente nos textos científico-acadêmicos” (Marim e Farias, 2017). Isso pode ser observado na dissertação de Monteiro (2024), no campo das práticas socioculturais em educação matemática, onde seu texto evidencia “a escrita dialógica ao adotar a terapia grammatical-desconstrucionista como abordagem principal, fundamentada em um diálogo autorreflexivo, questionador e aberto”.

As pesquisas de natureza grammatical-desconstrucionista tomam os estudos acadêmicos “não como referencial teórico para corroborar ou refutar uma teoria ou perspectiva epistemológica, pelo contrário, atuam dialogando com os dados e as leituras investigadas” (Monteiro, 2024). Por conta disso, neste texto, as discussões dos dados oriundos dos “atos narrativos” vêm acompanhadas de reflexões por parte do autor, sinalizadas em **italico**, sem a necessidade de uma análise no modelo clássico, como ocorre na maioria das investigações científicas.

5

A terapia grammatical-desconstrucionista, “enquanto atitude, tem permitido retirar a venda que cobre nossos olhos e nos impede de ver as coisas como elas efetivamente são praticadas” (Monteiro, 2024). Em outras palavras, tem nos proporcionado desconstruir imagens cristalizadas quando levamos os problemas à discussão — neste caso, as problemáticas oriundas de nosso arquivo cultural², apresentadas de forma humorada em quatro “atos narrativos” evidenciados através de “jogos de cena ficcionais” entre estudantes de pós-graduação: primeiro ato narrativo: produção intelectual na pós-graduação; segundo ato narrativo: do sofrimento ao prazer na pós-graduação; terceiro ato narrativo: relação de bem-estar com outros seres naturais; quarto ato narrativo: reflexões finais sobre resistência e

² “Para uma perspectiva terapêutico-grammatical desconstrucionista, ter uma questão ou um problema bem definido e constituir um arquivo cultural de partida que permita iniciar tal investigação são as condições necessárias para se conduzi-la”; “Um arquivo cultural constituído em uma investigação acadêmica nada mais é do que um conjunto de jogos de linguagem que se mostrou relevante e adequado para a condução de tal investigação” (MIGUEL, 2015, p. 626).

decolonialidade. Neste último, me coloco em diálogo direto com os teóricos que embasaram o texto.

A mercantilização da produção acadêmica e seus reflexos na pós graduação

Nos últimos anos, em função de mudanças na ficha avaliativa dos Programas de Pós-Graduação (PPG), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) vem implementando novos critérios de avaliação na pós-graduação, abrangendo aspectos como estrutura, planejamento e objetivos dos PPG. Dentre os elementos analisados, destacam-se o impacto social, os efeitos econômicos, a internacionalização, a visibilidade e a inovação das produções intelectuais dos discentes, que passaram a desempenhar um papel central na avaliação dos programas (Oliveira, Stecanelo e Boufleuer, 2023). Como consequência, os pós-graduandos passaram a atuar ainda mais com dedicação integral às atividades acadêmicas, cumprindo os regimentos internos e inserindo-se no universo da pesquisa científica.

6

Tais mudanças resultaram em uma crescente pressão pela produtividade, impulsionada pela necessidade de obtenção de financiamento para a pesquisa na pós-graduação. Sendo a produção científica um dos principais critérios avaliativos da CAPES, sua disseminação tornou-se essencial não apenas para ampliar a visibilidade dos programas de pós-graduação, mas também para refletir sobre a problemática da mercantilização das produções acadêmicas.

Os institutos de pós-graduação têm intensificado as exigências por produtividade discente ao criar mecanismos institucionais que responsabilizam os estudantes por suas produções acadêmicas, incluindo dissertações, teses e artigos científicos. Uma dessas iniciativas é a assinatura de termos de compromisso, nos quais os ingressantes se comprometem a cumprir prazos, créditos e metas de produção acadêmica. Em alguns casos, a submissão de artigos científicos tornou-se obrigatória para a conclusão de cursos de pós-graduação, como previsto no regimento interno do Programa

de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará:

§4º O agendamento da Defesa de Dissertação está condicionado à apresentação de pelo menos uma produção do discente vinculada ao trabalho de pesquisa de Mestrado, em parceria com o Orientador, submetida a periódico ou evento científico da área, devidamente comprovada. (Resolução n. 4.998 – CONSEPE, de 13.12.2017).

A crescente pressão pela produtividade tem aproximado discentes da pós-graduação de um mercado paralelo de comercialização de produção acadêmica. Os chamados periódicos predatórios, ou pseudo-revistas, têm causado impactos negativos ao ludibriar pesquisadores com falsas promessas e informações enganosas, visando lucro por meio de taxas abusivas. Como consequência, “há perda de tempo e recursos, registros inadequados no currículo do pesquisador e custos para o pesquisador e/ou para a universidade e órgãos de fomento” (Guimarães e Hayashi, 2023). Diante disso, a pós-graduação deve atuar ativamente para coibir publicações em periódicos predatórios. Nesse sentido, ações formativas podem contribuir significativamente, alertando e instruindo pesquisadores em início de carreira para que evitem tais armadilhas e garantam a integridade de suas produções científicas (Sousa et al., 2021).

A produção acadêmica requer do pesquisador uma postura ética no fazer científico, pois a investigação imprime sua identidade. Pagar por produções prontas ou fornecer dados de pesquisa para compor um texto não autoral configura uma ação antiética, uma vez que a ética “lida com o ‘eu’ à medida que diz respeito à ação boa e justa” (Santos, 2021). Assim, é fundamental adotar condutas responsáveis que assegurem a disseminação do conhecimento sem comprometer a integridade do processo investigativo, desde a pesquisa até a escolha criteriosa dos periódicos para publicação.

Por essas razões, consideramos que a produção discente na pós-graduação está diretamente relacionada a questões sensíveis, como a pressão pela produtividade, a submissão acelerada de artigos científicos, a busca por financiamento para pesquisas, a dedicação integral às atividades acadêmicas, a inovação nas investigações, a ética no fazer científico e a

preocupação com os periódicos predatórios. Todas essas questões, vivenciadas diariamente pelos estudantes, têm gerado impactos significativos, incluindo o comprometimento da saúde mental na pós-graduação.

Primeiro ato narrativo: produção intelectual na pós-graduação

LUIS³ — No ingresso de vocês na pós, no momento da arguição, a banca avaliadora falou a respeito da dedicação exclusiva às atividades acadêmicas?

CARMEN — Sim amigo! Deixaram bem claro, inclusive, parecia um pacto de sangue: ou você se entrega de corpo e alma ao programa, ou nem entra.

THALYA — Na minha seleção, essa foi uma das primeiras perguntas, se eu tinha disponibilidade para dedicação integral às atividades acadêmicas. Respondi que sim, mas por dentro era mentira. Quem vive integralmente para a universidade?

RAYLSON — Nesse momento amigo, vale tudo! A gente promete mundos e fundos. Diz que vai ler 500 artigos por semana, escrever um artigo por mês e até acordar às 5h da manhã para ser mais produtivo.

RENAN — Para ser aprovado, a gente faz até promessa, diz vai se dedicar a produzir artigos, participar de eventos, entrar em grupos de pesquisa, se preciso morar na universidade.

LUIS — E depois? Como ficam essas mentiras que contam para obter a provação? Isso não se torna um problema?

THALYA — Problema? Isso se torna realidade, meu amigo!

RAYLSON — E o pior, uma realidade anunciada previamente! Era só ter lido as entrelinhas do edital.

CARMEN — Uma coisa é fato! A pós-graduação sobrevive de produções acadêmicas, sem artigo, sem futuro!

³Nas cenas, o autor do texto aparece duas vezes: uma como Luis, para demarcar sua função de personagem que participa do enredo da narrativa, e outra como Luis Paulo, para evidenciar seu lugar de fala a partir das afetações oriundas das leituras das temáticas discutidas e dos diálogos nos jogos de cena.

RENAN — Verdade Carmen! Há uma pressão que cai sobre nós para produzir, parece que se a gente não publica, a CAPES bate na nossa porta de madrugada.

LUIS — Mas essa pressão não é exclusividade nossa, todo mundo sofre! A CAPES cobra produtividade do programa, a nível progressivo cobra dos nossos orientadores, que por sua vez nos cobram... É um jogo de empurrar, só que sem ninguém para amparar na queda.

THALYA — Não tem escapatória, no dia em que assinamos o termo de compromisso, vendemos nossa alma acadêmica, agora, só nos resta correr para dar conta das demandas.

RAYLSON — O problema é que essa pressão pela produção acadêmica não deixa a gente viver em paz! A gente dorme pensando em artigos, sonhando com prazos e acorda com o terror da submissão rejeitada.

RENAN — Pois é, Raylson... mas você sabe que existe um mercado paralelo de produção de artigos? Você paga, apresenta o tema e, em poucos dias, recebe um artigo de revisão prontinho! Sem falar nos periódicos pagos que facilitam bastante a nossa vida. Dá até para pedir um combo, artigo recorte da pesquisa e PowerPoint para apresentação.

LUIS — Mas, gente, isso é certo? Como fica a questão ética na pesquisa?

RENAN — Luis, quando a pressão pela produtividade entra pela porta, a ética sai pela janela e já aproveita para fugir para outro país.

LUIS PAULO — As discussões entre os pós-graduandos revelam os impactos sofridos por eles no ambiente acadêmico, fundamentando a pressão constante pelo produtivismo⁴ nos programas de pós-graduação, que os têm lançados diante do mercado predatório de periódicos e revistas pagas. Além disso, o estado de pressão vivenciado tem contribuído para que não exerçam seu papel ético na investigação científica, também comparamos que, se a atenção dos PPGs estiver voltada apenas para os indicadores de avaliação, perder-se-á um dos princípios fundamentais da universidade: trabalhar para a

⁴ O produtivismo está intrinsecamente ligado à lógica neoliberal, sendo uma ideologia que impulsiona a maximização da produção e do desempenho em todos os aspectos da vida. O autor de referência para esse termo é Pierre Dardot, que, em parceria com Christian Laval, discute o tema na obra *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (2016).

melhoria da sociedade, atuando sobre os *impactos sociais e formativos*. Essas e outras questões do cotidiano dos estudantes não apenas em relação à produtividade, mas também quanto à necessidade de uma vivência saudável na pós-graduação precisam ser debatidas no âmbito dos PPGs.

Saúde mental na pós-graduação: entre desafios e possibilidades

Para discutir as vivências que interferem na (não) saúde mental dos pós-graduandos, primeiramente, precisamos esclarecer nossa compreensão sobre o termo “saúde”. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, definiu saúde como um estado de “bem-estar físico, mental e social”. No contexto da pós-graduação, a saúde pode ser concebida enfatizando o aspecto mental (saúde mental), dada sua relação com o desempenho acadêmico dos estudantes. No entanto, essa perspectiva não pode negligenciar as dimensões físicas e sociais, que são indissociáveis.

A vivência na pós-graduação pode comprometer o engajamento dos estudantes com a vida acadêmica, pois está associada a diversos fatores de ordem pessoal e institucional, como “o estresse, as vivências em ambientes não acadêmicos, o produtivismo, o assédio moral e a nota curricular dos cursos” (Glatz et al., 2022). Esses fatores, entre outros, tornam os estudantes mais suscetíveis à violência e ao sofrimento psicológico, afetando negativamente sua saúde mental (Câmara, 2020).

Um dos principais fatores que geram mal-estar entre mestrandos e doutorandos é a complexidade da produção do conhecimento na pós-graduação. Exercer o papel de pesquisador e conduzir um projeto de pesquisa não é uma tarefa simples. Muitas vezes, ao longo da investigação, é necessário “definir ou modificar o problema de pesquisa, lidar com a ausência de resultados ou com resultados inesperados” (Louzada, 2005). Além disso, a comunicação da pesquisa também pode gerar mal-estar e impactar a saúde mental dos pós-graduandos, que enfrentam constantemente o desafio de elaborar produtos acadêmicos — como artigos, dissertações, teses e apresentações em eventos científicos — a partir de experiências vivenciadas

em seu lócus de pesquisa, frequentemente acumuladas a outras demandas acadêmicas e profissionais.

Outro fator que contribui para o comprometimento da saúde mental é a meritocracia. Desde o ingresso na pós-graduação, os candidatos são avaliados por sua trajetória acadêmica, sendo que “o envolvimento com a pesquisa e a maior produtividade aumentam as chances de ingressar na academia com bolsa de doutorado/mestrado” (Louzada, 2005). No entanto, quando o estudante não possui um volume significativo de produções acadêmicas, pode ser penalizado com a ausência de recursos para desenvolver sua pesquisa, precisando recorrer ao trabalho remunerado para sustentar seus estudos. Essa situação pode gerar sentimentos de incapacidade e dificuldades para conciliar as exigências da academia com a jornada profissional (Glatz et al., 2022).

O tempo dedicado à pesquisa também tem impacto direto na saúde mental dos pós-graduandos. A rotina exaustiva de estudos muitas vezes se estende aos finais de semana e madrugadas, períodos que poderiam ser destinados ao descanso. Como consequência, a falta de sociabilidade pode levar a dificuldades no relacionamento com orientadores e a relações interpessoais marcadas pela competição entre os pares na pós-graduação (Zotesso, 2021).

Além das relações conflituosas vivenciadas diariamente, a pós-graduação também propicia um “sentimento de ambivalência entre os discentes; há a ocorrência de estresse, desânimo, insatisfação, medo e depressão, mas, ao mesmo tempo, de alegria, satisfação e excitação” (Glatz et al., 2022). Isso evidencia a multiplicidade de experiências vividas no ambiente acadêmico, um espaço polissêmico e multifacetado, que desperta angústias, mas também permite a concretização de sonhos acadêmicos.

Por essa razão, a socialização e as vivências positivas na pós-graduação podem contribuir significativamente para a qualidade de vida e a sensação de bem-estar dos estudantes (Matta, Câmara e Bonadiman, 2019; Graner e Cerqueira, 2019). Um ambiente de relacionamento saudável entre professores e colegas favorece a manutenção da saúde mental discente, criando

espaços de bem-estar que, ao longo do percurso formativo, podem se manifestar por sentimentos como “orgulho”, “tranquilidade”, “estado de graça” e “satisfação” (Louzada, 2005). Esses sentimentos também podem ser despertados pelo bom desenvolvimento de um projeto próprio ou pela aprovação de um artigo em um periódico bem avaliado, o que contribui para a construção da identidade do pesquisador dentro do campo acadêmico.

É fundamental destacar que, embora a pós-graduação não tenha como finalidade principal auxiliar diretamente na saúde mental da comunidade acadêmica, ela deve estabelecer parcerias que possibilitem acolhimento e suporte psicológico aos estudantes. Além disso, a escuta ativa dos coordenadores de curso sobre as dificuldades enfrentadas pelos pós-graduandos pode contribuir para mitigar esses desafios. Assim, torna-se urgente ressignificar o papel da pós-graduação, promovendo movimentos que incentivem a criação e implementação de políticas públicas voltadas à saúde mental dos estudantes no Brasil. Essas iniciativas podem proporcionar um ambiente acadêmico mais equilibrado, favorecendo a qualidade de vida dos discentes e oferecendo alternativas para o bem-estar durante a trajetória na pós-graduação.

12

Segundo ato narrativo: do sofrimento ao prazer na pós-graduação

LUIS — Meus amigos, é sempre um prazer encontrar vocês aqui na universidade, como anda a vida de vocês nessa rotina maluca na pós-graduação?

KARINA — Tirando o estresse, as demandas do curso, a crise existencial, a definição do meu problema de pesquisa e a sensação de que estou envelhecendo 10 anos por semestre está tudo certo!

MÔNICA — Definir ou modificar o problema de pesquisa é até fácil, difícil mesmo é se transformar em pesquisador da noite para o dia e ainda saber lidar com os resultados ou mesmo com a ausência deles no percurso da pesquisa.

KARINA — Ainda nem resolvi o problema de pesquisa, que dirá ter resultados, quando meu orientador perguntar como está minha pesquisa, vou dizer que está em estado de observação participante.

RUBENS — Meninas, é até engraçado vocês discutirem essas questões de pesquisa, mas elas são pequenas quando a gente se depara com a meritocracia que invadiu os programas de pós-graduação, aqui quem tem produtividade no currículo tem garantia de bolsa no mestrado/ doutorado e quem não tem... ganha olheiras.

ADY — Eu sou exemplo disso, como não passei no processo seletivo com bolsa, agora preciso conciliar as demandas da pós-graduação com o trabalho remunerado.

LUIS — Nossa amigo, e você acredita em vida após o trabalho?

ADY — Claro! Depois do expediente começo a viver... Viver a vida de doutorando! Uma rotina exaustiva movida a café e prazos, que inclui estudo aos finais de semana e também em boa parte da madrugada quando deveria está descansando.

KARINA — Nessa situação tu nem consegue competir em termos de igualdade com bolsistas que só se dedicam a pesquisa e não precisam trabalhar.

LUIS — Exatamente, Karina! Acho que todos deveriam ter as mesmas condições para realizar suas pesquisas. Afinal, sofrimento compartilhado é sofrimento sofrido, né?

RUBENS — Rapaz, fico é deprimido com esses papos de vocês, o estresse, o desânimo, a insatisfação, o medo e a depressão fazem parte das nossas vivencias na pós-graduação, aqui nós vivemos a vida real e não uma utopia.

MÔNICA — Verdade, Rubens! Sem falar que a pós-graduação não é feita apenas de coisas ruins, aqui a gente também vivencia momentos de bem-estar, de alegria quando um professor falta, de satisfação e companheirismo com vocês, além do orgulho em ver nossa pesquisa sendo aprovada em um periódico de excelência.

LUIS — Concordo com você Mônica, mas penso que a pós-graduação precisa ampliar sua visão quanto aos impactos psicológicos sofridos por nós discentes, inclusive, acolhendo, escutando os problemas que nos afetam

cotidianamente. Nós fazemos parte de um coletivo na pós-graduação e nosso bem-estar influencia para a saúde do programa como um todo.

LUIS PAULO — As encenações dos jogos de cena colocam em evidência a problemática do pouco investimento financeiro nos programas de pós-graduação. Grande parte dos estudantes ingressantes nos PPGs não dispõe de financiamento nem de condições para custear suas pesquisas. Como consequência, precisam conciliar demandas trabalhistas e acadêmicas. Tais dificuldades são ainda mais acentuadas pela exigência de cumprimento de prazos, o que afeta os estudantes, considerando a complexidade das pesquisas e os desafios pessoais e institucionais, gerando sentimentos de insatisfação, estresse, desânimo, medo e até depressão. Essas cenas do cotidiano dos pós-graduandos revelam discursos que justificam a falta de tempo para a dedicação às atividades acadêmicas, quando, na verdade, buscam mascarar problemas estruturais do sistema acadêmico e das práticas individuais dos estudantes.

14

Autocuidado e bem-estar acadêmico: estratégias para uma pós-graduação saudável

As vivências na pós-graduação desafiam os estudantes a buscar alternativas para preservar a saúde. Por isso, o pós-graduando tende a organizar e planejar sua rotina de forma a manter um cotidiano mais equilibrado, adotando um planejamento realista e flexível, em que as tarefas sejam divididas em partes menores. O uso de ferramentas digitais, como planilhas e aplicativos, pode auxiliar na distribuição das atividades, tornando o dia a dia menos exaustivo e favorecendo o bem-estar.

O gerenciamento das atividades aliado à prática regular de exercícios físicos e a outras estratégias, como técnicas de respiração e meditação, pode contribuir para o controle da ansiedade e, consequentemente, para a melhoria da qualidade de vida (Peixoto et al., 2021; Assis, 2023). Além disso, saber impor limites e recusar tarefas extras que possam sobrecarregar a rotina acadêmica torna-se essencial. Evitar comparações com o ritmo de estudo e produção dos colegas também é uma atitude importante, pois contribui para

o equilíbrio entre a vida acadêmica e pessoal, promovendo o bem-estar discente.

A rede de apoio na pós-graduação desempenha um papel fundamental no fortalecimento e estímulo à permanência no curso. Compartilhar experiências com professores e colegas de turma é indispensável, assim como participar de grupos de estudo ou de apoio terapêutico, que podem auxiliar na superação das dificuldades enfrentadas ao longo da formação. Muitos pós-graduandos passam por períodos de solidão ao se afastarem de suas casas, familiares e amigos para dar continuidade aos estudos, o que pode gerar impactos emocionais (Müller, 2023).

A manutenção do bem-estar por meio do descanso e de uma alimentação adequada também é essencial. O excesso de demandas na pós-graduação pode causar insônia e irritabilidade. Por isso, é fundamental adotar hábitos que favoreçam a saúde, incluindo momentos de descanso e um sono de qualidade para recarregar as energias. Além disso, uma alimentação equilibrada contribui para o bom funcionamento do organismo e para a disposição necessária às atividades acadêmicas (Amarante et al., 2024).

A busca pelo prazer no conhecimento também influencia a saúde mental na pós-graduação. Refletir sobre os propósitos que levaram à escolha do mestrado ou doutorado pode ajudar a resgatar o interesse pela pesquisa. Além disso, escolher temas e abordagens motivadoras pode ser uma estratégia para tornar a experiência acadêmica mais satisfatória.

Dessa forma, compreendemos que a manutenção da saúde na pós-graduação está relacionada a diversos fatores, como organização, planejamento, flexibilidade na rotina, definição de limites, equilíbrio entre vida acadêmica e pessoal, gerenciamento do estresse, prática de exercícios físicos, técnicas de respiração e meditação, rede de apoio, experiências coletivas entre professores e alunos, resgate do interesse pela pesquisa e adoção de abordagens motivadoras. Esses aspectos foram destacados como

alternativas fundamentais para a promoção do bem-estar durante a pós-graduação.

Terceiro ato narrativo: relação de bem-estar com outros seres naturais

PROFA. ELIZABETH — Hoje nosso encontro de estudos vai ser diferente!

PROFA. ANA CLÉDINA — Exatamente, Beth. Resolvemos tirar vocês da jaula acadêmica! Vamos estudar fora da universidade, na área de lazer do prédio onde moro.

MATHEUS — Que legal! Aqui tem piscina, churrasqueira e quadra de esportes.

PÂMELA — Sem falar no vento, aqui é bem ventilado.

PROFA. ELIZABETH — Sabemos que organização e planejamento são fundamentais na vida acadêmica, mas também precisamos lembrar que dormir e respirar são igualmente importantes.

LUIS — O grande desafio é esse: equilibrar a vida pessoal com a acadêmica... e, se possível, evitar um colapso nervoso no meio do caminho.

CINTIA — Amigo, a gente precisa aprender a dizer “não” às tarefas extras. Senão, daqui a pouco, estamos orientando o TCC sem nem ter defendido uma dissertação / tese!

MATHEUS — Verdade! Se a gente não colocar limite, acabamos nos convencendo de que revisar artigo no sábado à noite é lazer.

PÂMELA — Por isso temos que aproveitar essas oportunidades de fugir— digo, sair do ambiente universitário. Estudar, claro... mas também fazer exercícios, nadar, respirar outros ares e até meditar para não surtar de vez.

LUIS — Isso aqui é uma experiência nova mesmo. Geralmente, na universidade, a gente compartilha nossas pesquisas. Aqui, estamos diante de uma rede de apoio! Podemos falar sobre nossas dores, nossos traumas... e sobre aquele prazo que fingimos que não existe.

PROFA. ANA CLÉDINA — O ambiente universitário pode ser tóxico. Se não tomarmos cuidado, a gente se torna aquele estudante que responde “estou atolado de coisa” para qualquer “bom dia”.

PROFA. ELIZABETH — Resgatar o prazer pela pesquisa é essencial! Afinal, ninguém faz um bom trabalho quando está no automático, movido a café e desespero.

LUIS PAULO — Os jogos de cena aqui encenados pelos pós-graduandos acendem um alerta sobre a necessidade de equilíbrio na relação dual entre vida pessoal e acadêmica, visto que as vivências na pós-graduação têm incorporado cada vez mais atividades extras, que, por consequência, prejudicam a saúde mental e transformam a trajetória acadêmica em algo tóxico. Nesse contexto, os pós-graduandos precisam encontrar saídas para lutar pela manutenção da saúde. As redes de apoio entre colegas, professores e familiares, bem como os espaços de contato com a natureza, são fundamentais para garantir o bem-estar dos estudantes e resgatar o sentimento de prazer pelo ato de pesquisar. Ou seja, os estudantes de pós-graduação precisam decolonizar sua forma de existência na academia, atuando na resistência e superação do projeto colonial de universidade.

17

Colonialidade na pós-graduação: desafios e possibilidades para uma perspectiva decolonial

A universidade e, por consequência, os programas de pós-graduação são espaços de manifestação do colonialismo e da colonialidade em sua estrutura, na medida em que têm evidenciado o modelo academicista colonial em vigência. Semelhante à maneira como ambos se relacionam, “pelas formas de controle sobre a produção do trabalho, da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade de uma população determinada” (Quijano, 2007; 2005; Mignolo, 2017), nos espaços acadêmicos, a manutenção da colonialidade tem influenciado os projetos pedagógicos dos cursos de pós-graduação, sustentando estruturas invisibilizadoras que afetam constantemente a forma de vida dos estudantes e suas maneiras de ser, estar e permanecer na pós-graduação. Isso ocorre em nome de uma identidade constitutiva da pesquisa que, por vezes, apaga as singularidades dos estudantes. Essas, dentre outras

questões, evidenciam os modos operantes do modelo academicista colonial em exercício na universidade e nos programas de pós-graduação.

Os mecanismos da colonialidade têm operado sobre a universidade por meio da “modernidade eurocêntrica”, que funciona como uma prisão ao interferir na liberdade do pensamento crítico. Tal situação se manifesta na subordinação das investigações aos interesses econômicos do produtivismo nos programas de pós-graduação. O produtivismo, como apontado por Dardot e Laval (2016), vai além do setor econômico, estendendo-se às esferas social, individual e educacional. No contexto acadêmico, isso faz com que os estudantes se tornem cada vez mais eficientes e competitivos em suas produções acadêmicas, ao mesmo tempo em que “os sofrimentos da modernidade são sacrifícios inevitáveis que se justificam para alcançar a civilização” (Dussel, 1993). Trata-se de uma civilização intelectualizada, moldada pelo pensamento eurocêntrico-capitalista, que contraria a ideia de uma universidade incondicional, “sem condições”, livre de interesses políticos, econômicos ou institucionais (Derrida, 2003).

Precisamos enxergar o modelo academicista colonial imposto pelos programas de pós-graduação não apenas como um mecanismo único e universal de produção de conhecimento que dita regras inquestionáveis, mas, sob um novo paradigma decolonial, como uma ferramenta capaz de ajudar a revelar o lado obscuro da modernidade/colonialidade. Esse movimento é mobilizado por uma “energia de descontentamento, de desconfiança, de desprendimento” (Mignolo, 2007), que possibilitará vislumbrar outros horizontes no âmbito da pós-graduação.

A natureza decolonial na pós-graduação poderá favorecer a prática vivencial dos estudantes. Isso implica a valorização de experiências outras com os seres naturais, seus saberes e costumes, que emergem, na compreensão de Miguel et al. (2022), quando se fala da “virada vital-praxiológica” das interações teórica e prática das “formas de vida” na pós-graduação. Essas interações são cotidianamente expressas, inspiradas nos estudos de Wittgenstein (1975; 2009), pelos “jogos de linguagem” encenados pelos estudantes no contexto dos programas de pós-graduação.

Ao considerar tais contextos, compreendemos que é urgente repensar a estrutura acadêmica da pós-graduação sob uma perspectiva decolonial, pois esse movimento permitirá valorizar outras formas de produção do conhecimento. Por isso, é necessário mobilizar uma virada vital-praxiológica, que possibilite desafiar as imposições coloniais, permitindo que a pós-graduação se torne um ambiente acolhedor para a construção de identidades e aprendizados diversos.

Quarto ato narrativo: reflexões finais sobre resistência e decolonialidade

LUIS PAULO — *Os caminhos trilhados até aqui não foram percorridos sozinhos. Em vários momentos, vocês caminharam ao meu lado, dialogando com os temas trazidos neste texto. O que mais, talvez, vocês tenham a acrescentar sobre tudo o que foi discutido? Após suas falas, irei compartilhar minhas reflexões finais.*

LUDWIG WITTGENSTEIN — Luis, os jogos de cena aqui encenados só puderam ser compreendidos porque entramos no jogo e nos permitimos ser afetados por ele. Afinal, comproendo que só se aprendem as regras de um jogo quando fazemos parte da comunidade de seus praticantes — neste caso, nas práticas de vivência entre pós-graduandos.

JACQUES DERRIDA — Penso que as discussões aqui apresentadas, no âmbito da pós-graduação, podem contribuir para que a universidade assuma um papel ético e político como um espaço de resistência às imposições do projeto de colonialidade. Essas imposições podem cercear o pensamento e, consequentemente, a linguagem — ou os jogos de linguagem —, pois a linguagem é constitutiva do pensamento, como bem me disse meu amigo Wittgenstein.

ANÍBAL QUIJANO — Devo concordar com você, Derrida. Precisamos resistir ao projeto de colonialidade que prevalece na universidade e nos programas de pós-graduação. No entanto, essa é uma tarefa árdua, considerando os laços de familiaridade entre o colonialismo e a colonialidade, que resultam da

experiência expressa pela modernidade-colonialidade — um mecanismo operante na academia.

LUIS PAULO — *A modernidade-colonialidade tem atuado na universidade e nos programas de pós-graduação como uma matriz colonial de poder.*

ENRIQUE DUSSEL — Exatamente, Luis, o processo de modernização tem influenciado o domínio dos corpos pelo machismo sexual, a cultura, os tipos de trabalho e as instituições criadas por uma nova burocracia política, como as instituições de ensino superior e os programas de pós-graduação a elas vinculados. Ou seja, trata-se da dominação do outro como um movimento de domesticação, estruturação e colonização do “modo” como as pessoas vivem e reproduzem sua vida humana.

ANTÔNIO MIGUEL — Precisamos reconhecer e valorizar o conhecimento enraizado nas práticas humanas e nas formas de vida de diferentes comunidades. No contexto da pós-graduação, isso implica considerar as relações entre humanos (pós-graduandos) e outros seres naturais. Essa valorização exige o engajamento com a decolonialidade na construção de um ambiente acadêmico mais democrático, plural e transformador das estruturas sociais da universidade, favorecendo o rompimento com modelos educacionais que perpetuam visões colonialistas.

LUIS PAULO — *Ao escrever este artigo, busquei realizar uma terapia gramatical-desconstrucionista, com o intuito de evidenciar minha estratégia de escrita dialógica em jogos de cena ficcionais. Sabendo que os temas abordados neste texto são sensíveis para os pós-graduandos, optei por criar humor nas cenas que se desenrolam entre os atos narrativos. Minha intenção, contudo, não foi menosprezar os problemas que afetam a saúde dos estudantes, dos quais faço parte, mas, ao contrário, busquei trazer leveza para questões que atravessam o universo dos pós-graduandos e deixam marcas.*

— *Os atos narrativos trazem à tona a encenação da vida no ambiente acadêmico, na medida em que permitem expressar a pressão vivenciada pelos pós-graduandos na busca desenfreada pelo produtivismo. Esse contexto os tem levado a considerar, inclusive, propostas tentadoras de periódicos e revistas pagas. Ou alguém duvida que empresas especializadas*

em produtos acadêmicos enchem constantemente nossas caixas de e-mail com convites para publicar em seus veículos de comunicação?

— Esse e outros questionamentos relativos aos jogos de cena encenados neste texto nos fazem refletir sobre a dimensão do real e do fictício, já que, embora os atos narrativos se coloquem em evidência como narrativas fruto da imaginação do autor do texto, essas são baseadas em fatos reais, como observado pelas próprias investigações que deram suporte teórico a este trabalho, pois elas tematizam as questões aqui discutidas, como o baixo investimento financeiro nos programas de pós-graduação, os problemas para conciliar demandas trabalhistas e acadêmicas, a insatisfação, o estresse, o desânimo, o medo e até a depressão, entre outras situações aqui encenadas que foram e são alvo de atravessamentos pelos estudantes no cotidiano da pós-graduação.

— As mentiras ou cenas ficcionais compartilhadas pelos pós-graduandos não apenas evidenciam individualidades, mas refletem a complexidade do sistema acadêmico, que constantemente age sobre os estudantes, pressionando-os pela expectativa criada sobre eles. Por isso, refletir sobre esses discursos contribui para pensar em maneiras de lidar com os desafios da pós-graduação no intuito de garantir uma vida saudável. Nesse sentido, o equilíbrio entre a vida pessoal e acadêmica e a vivência harmônica com os seres naturais⁵ podem ser caminhos para ajudar na manutenção da saúde, ao proporcionar momentos de bem-estar, alegria, satisfação e companheirismo entre estudantes, professores, família e natureza, visando a decolonização de nossas formas de vida na universidade.

— Por fim, esta investigação revelou a necessidade da criação de redes de apoio para garantir a permanência e o bem-estar dos estudantes de pós-graduação, por meio de ações conjuntas entre as coordenações dos PPGs, professores e os discentes, com o intuito de transformar a pós-graduação em um ambiente acolhedor, multifacetado e provedor de impactos positivos, sejam eles sociais e/ou formativos.

⁵ Por seres naturais estou compreendendo a água, o sol, o vendo, entre outros elementos que participam da relação dual entre humanos e não humanos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, A. S. M. de. **Benefícios da terapia para a saúde mental de universitários: uma revisão sistemática**. 2023. 83 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- AMARANTE, K. C. et al. Autocuidado, Burnout e Pós-graduação: uma reflexão à luz de Dorothea Orem. **Caderno Pedagógico**, [S. I.], v. e8475, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n9-337>. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/8475>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- CÂMARA, V. M. dos S. **Adoecimento e atendimento psicológico de pós-graduandos: perfil, queixas e fatores associados aos sintomas de ansiedade**. 2020. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020.
- DA MATTA, A. H. A.; CÂMARA, V. M. dos S.; BONADIMAN, H. L. Análise do mal-estar do estudante universitário na perspectiva do perfil da clientela e das queixas acolhidas no atendimento psicológico de uma universidade federal. **Humanidades & Inovação**, [S. I.], v. 48-58, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1249>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DERIDA, J. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- DERIDA, J. **Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- DERIDA, J. **Papel máquina**. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DERIDA, J. **A universidade sem condição**. Tradução de Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- DE MENDONÇA GLATZ, E. T. M. et al. A saúde mental e o sofrimento psíquico de pós-graduandos: uma revisão de literatura em teses e dissertações. **Revista Educar Mais**, [S. I.], p. 255-273, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15536/educarmais.6.2022.2719>. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2719>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- DE OLIVEIRA SOUSA, F. S. et al. Um ano de e-mails não solicitados: o modus operandi de revistas e editoras predatórias. **Revista da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre**, [S. I.], v. 71-81, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/2177-0018.114115>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistadaFaculdadeOdontologia/article/view/114115>. Acesso em: 18 mar. 2025.

DUSSEL, E. D. 1492: **o encobrimento do outro; a origem do mito da modernidade**; conferências de Frankfurt. Vozes, 1993.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. I.], p. 1327-1346, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2019.v24n4/1327-1346/pt/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

GUIMARÃES, J. A. C.; HAYASHI, M. C. P. I. Revistas predatórias: um inimigo a ser derrotado na comunicação científica. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [S. I.], 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v21i00.8671811>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/vDRj6bhnWBLFvGrt6jypS3m/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

LOUZADA, R. de C. R. **Formação do pesquisador, trabalho científico e saúde mental**. 2005. 169 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPUB, 2005.

MARIM, M. M. B.; FARIA, K. S. C. S. Traços vivos: jogos de cenas nas (im)possíveis dobras da escrita na pesquisa em educação (Matemática). **Revista Exitus**, v. 7, n. 2, p. 173-190, 2017. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2017v7n2ID306>. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/306>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MCDONALD, H. O ato narrativo: Wittgenstein e narratologia. **Surfaces Revue électronique**, v. IV, 1994. Disponível em: <http://www.pum.umontreal.ca/revues/surfaces/vol4/mcdonald.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MCDONALD, H. Narrative Theory and Cultural Studies. **Telos journal**. v. 2001, nº121, p. 11-53, 2001.

MIGUEL, A. Entre jogos de luzes e de sombras: uma agenda contemporânea para a educação matemática brasileira. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 20, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/2877/2251>. Acesso em: 18 set. 2024.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2025.

MONTEIRO, L. P. C. **Problematizações indisciplinares de práticas matemáticas sobre o açaí na formação inicial de professores da/na Amazônia Paraense**. 2024. 105 f.: il. cor. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão.** Resolução n. 4.998, de 13 de dezembro de 2017. Aprova o Regimento do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM), em níveis de Mestrado e Doutorado. Belém: UFPA, 2017. Disponível em: <https://www.ppgecm.propesp.ufpa.br/index.php/br/>. Acesso em: 06 mar. 2025.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

ZOTESSO, M. C. **Sofrimento psicológico em pós-graduandos: aspectos emocionais e comportamentais.** 2021. 95 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Bauru, 2021.

Recebido em: 14 de maio de 2025.
Aprovado em: 13 de novembro de 2025.
Publicado em: 12 de dezembro de 2025.

